

II Parte

“De tudo o que puderdes fazei um sacrifício”

Na [I Parte](#) (*The Fatima Crusader*, Nº 103) da alocução de Michael Semin para a nossa Conferência de Maio de 2012, em Roma, explicou o Autor que o inferno não está vazio, e que todos nós devemos fazer sacrifícios e rezar para nos livrar, a nós e a muitos outros pecadores como nós, do fogo do inferno, dando o exemplo inspirador do espírito de sacrifício dos três pastorinhos de Fátima.

Na II Parte, o Sr. Semin continua a explicar o sacrifício supremo de Jesus Cristo no Santo Sacrifício da Missa.

por Michael Semin

Nesta segunda parte da minha comunicação, gostaria de comparar o Rito Tradicional Romano com o Novo Rito do Papa Paulo VI.

Poderemos nós, em boa consciência, dizer que ambos veiculam a mesma atitude em relação ao significado do sacrifício?

Exprimirão ambos, de modo idêntico, o ensino católico definido no Concílio de Trento e reiterado por Pio XII na encíclica *Mediator Dei*?

O Cardeal Ottaviani pensava que não quando afirmou, em 1969:

“O *Novus Ordo* representa, tanto no seu todo como nos pormenores, um afastamento marcante da Teologia Católica da Missa, tal como ela foi...definitivamente fixada pelo Concílio de Trento.”

Porque pensava ele assim? Quais são as principais diferenças entre estes dois Ritos, capazes de confirmar a afirmação de que o significado do sacrifício e o papel de que se reveste se desviaram, de uma posição central para outra lateral?

Ora bem, trata-se mesmo da própria estrutura da Missa. O Novo Rito da Missa está dividido em duas partes – a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística. Tal divisão dá a impressão de que a parte da Missa antes do Ofertório é de algum modo independente e pode existir, por si só, sem a segunda parte; de que estas duas partes são separáveis e do mesmo valor.

Há, com efeito, muitas paróquias na Europa e talvez também noutros lados em que, devido à falta de sacerdotes, os paroquianos são convidados a tomar parte nas “Liturgias da Palavra”, presididas por um diácono ou um leigo. O Missal Tradicional Romano não tem tal divisão, uma vez que todas as suas orações e gestos sagrados do sacerdote se orientam para o sacrifício propiciatório, para o momento da Consagração.

Este quadrinho muito conhecido de Jesus batendo à porta reflecte o nosso livre arbítrio. Nós podemos abrir a porta da nossa alma e deixar Jesus entrar ou, usando do nosso livre arbítrio, rejeitá-Lo. Rezemos pelo Papa e por todas aquelas pessoas – Cardeais, Bispos e autoridades civis – que podem encorajá-lo e persuadi-lo a não demorar mais a realização da Consagração da Rússia, como Jesus ordenou formalmente que se fizesse.



No Rito Tradicional, o sacerdote dirige-se ao pé dos degraus do altar, onde se detém de rosto para o altar – que representa Nosso Senhor – e diz a oração *Introibo ad altare Dei*, seguida do Salmo Penitencial *Judica me*, fazendo brotar no seu coração um espírito de arrependimento, a consciência da sua indignidade e a necessidade de expiação pelos seus pecados pessoais e pelos pecados dos fiéis ali presentes. Este Rito da purificação do sacerdote vem da liturgia do Antigo Testamento, em que o sacerdote do Templo – antes de entrar no Santo dos Santos – se purificava ritualmente.

O começo da Santa Missa aos pés dos degraus do altar – o sacerdote não se põe a fazer vénias à assistência – simboliza a subida ao Monte do Calvário, de onde, depois de oferecido o Sacrifício, se derramam as graças para toda a Igreja. A natureza penitencial das orações de abertura é confirmada e coroada por um duplo *Confiteor* – duplo, porque o sacerdote e os fiéis não estão em igual posição quanto ao oferecimento do Sacrifício – facto que não se encontra reflectido na Nova Missa, que tem um único *Confiteor*.

Também o *Kyrie Eleison* é uma oração penitencial; é, por isso, completamente sem sentido considerar todas estas orações como uma preparação para uma leitura da Bíblia ou como uma instrução para os fiéis.

A Sagrada Escritura tradicional é compreendida de modo diferente no Novo Rito

A própria leitura das Sagradas Escrituras é, no Rito Tradicional, compreendida de modo diferente da abordagem feita pela liturgia moderna – a Epístola é lida de rosto para o altar (Cristo), o Evangelho é lido de rosto para o Norte, porque o Norte representa as terras pagãs e o domínio dos demónios. A leitura do Evangelho, neste sentido, é uma espécie de exorcismo – o que se encontra no fim do Evangelho – reflectido nas palavras do sacerdote: “*Pelas palavras deste Santo Evangelho, sejam apagados os nossos pecados.*”

A mudança de Sacrifício para refeição é ainda mais clara e transparente na alteração das orações feitas no Ofertório ou, antes, na alteração da própria natureza do Ofertório em si mesmo. Segundo a Fé Católica e a tradição da Igreja com ela relacionada, o sujeito que oferece e o objecto oferecido é Nosso Senhor Jesus Cristo. É por isso que as orações contidas no Ofertório tradicional pressupõem a presença de Nosso Senhor como a verdadeira e única Vítima, a Presença Eucarística. As orações do Ofertório antecipam a Consagração. Aí não se fala do pão; mas usa-se o termo Vítima-Hóstia, Hóstia sem mancha, embora ainda não tenha sido consagrada.

Juntamente com as acções do sacerdote, esta oração evidencia que aquilo que é oferecido na Santa Missa é a “Hóstia sem mancha” – ou seja, a Vítima sem Mancha. A natureza propiciatória da Missa é explícita – é oferecida pelos nossos pecados. Isso recorda-nos que a Missa é oferecida “pelos vivos e pelos mortos”; e o sacerdote que oferece o Sacrifício é um mediador entre o homem e Deus.

Das 12 orações tradicionais para o ofertório, restam só 2 na Nova Missa

Das doze orações para o Ofertório no Rito Tradicional, só duas ficaram no Novo Rito da Missa. E é interessante o facto de as orações suprimidas serem precisamente aquelas que Lutero e Cranmer eliminaram. E porque as eliminaram eles? Porque, como disse Lutero, elas “cheiravam a sacrifício – a abominação chamada Ofertório, e a partir deste ponto quase tudo cheira a oblação.”

O Novo Rito da Missa nem sequer usa já o termo Ofertório; chama a esta parte da Missa “preparação dos dons”. E, nesta parte do Novo Rito, não há uma única palavra que dê ao menos uma sugestão de que aquilo que é oferecido é a Vítima Divina. Agora, o pão e o vinho – “fruto do trabalho do homem” – é tudo o que é oferecido.

Michael Davies, que gozou de um relacionamento próximo do Cardeal Ratzinger, aponta que este conceito é plenamente compatível com a teoria teilhardiana segundo a qual o esforço humano, o trabalho das mãos do homem, se torna, de certo modo, a matéria do Sacramento.

Depois, temos as alterações no coração mesmo da Santa Missa – no Cântico. A segunda oração eucarística é famosa pela ausência de orações de preparação para a Consagração e das palavras da Consagração, a Narrativa da Instituição. O sacerdote diz essas palavras como se estivesse pura e simplesmente a narrar a história da Última Ceia, há uns 2000 anos atrás, em vez de estar realmente a consagrar o pão e o vinho aqui e agora.

Além destas mudanças nas orações da Missa – com a alteração mais profunda indicando a mudança do Sacrifício para uma refeição congregacional – há a diferença na orientação do sacerdote durante a Missa.

A sua posição já não simboliza o facto de ele ser um intermediário entre Deus e o homem, como acontece na Missa Tradicional – em que ele se volta para o Sacrário; agora o padre é o “presidente” de uma assembleia, que preside à mesa em volta da qual os fiéis se reúnem para se “refrescarem” na “ceia memorial.” (Todas estas frases

constam da Instrução Geral.) Todos nós podemos contra várias histórias sobre a destruição dos altares tradicionais em igrejas por todo o mundo, e a sua substituição por mesas. Mais uma vez, a natureza da Missa desloca-se de Sacrifício para refeição.

Eu não duvido da validade da Nova Missa; mas como não se há-de concluir, a partir destas mudanças, que há qualquer coisa de muito errado nela? Não duvido que haja muitos sacerdotes e leigos devotos a assistir à Nova Missa; mas, se a sua fé na natureza sacrificial da Santa Missa, bem como na religião católica como um todo, está viva e sã, não é graças à chamada reforma litúrgica, mas apesar de ela existir.

De uma perspectiva histórica, vemos que as alterações litúrgicas postconciliares são semelhantes, se não idênticas, àquelas que os fundadores do Protestantismo originaram – a Missa passa a uma assembleia com presidente, o Sacrifício passa a refeição, os leigos desempenham funções especificamente sacerdotais, a natureza narrativa da Consagração, o sacerdote voltado para o povo (e de costas para o Sacrário), etc.

A inspiração protestante na criação do Novo Rito da Missa foi confirmada por um amigo íntimo do Papa Paulo VI, Jean Guitton:

“A intenção de Paulo VI com respeito ao que se chama vulgarmente a Missa, era reformar a liturgia católica de tal maneira que quase coincidissem com a liturgia protestante – mas o que é curioso é que Paulo VI fez isso para se aproximar o mais possível da Ceia do Senhor protestante ... havia em Paulo VI uma intenção ecuménica de remover, ou pelo menos corrigir, ou pelo menos abrandar o que era demasiado católico, no sentido tradicional, na Missa e, repito, aproximar a Missa Católica do serviço calvinista.”

Mentalidade sacrificial e vocações sacerdotais

Como não sou padre, não quero debruçar-me excessivamente sobre os temas que estão mais relacionados com a vida sacerdotal, mas permitam-me que exprima a minha preocupação de que a falta da mentalidade sacrificial na Nova Liturgia possa afectar a própria identidade do sacerdócio. Não estou aqui, caros Padres, para os ensinar, porque tenho a certeza que não só o sabem como até o vivem, que a vida do sacerdote é definida e também alimentada pelo sacrifício, tanto no altar como no ministério fora da liturgia.

Nosso Senhor, Que é o Supremo Sacerdote, dá o exemplo – deu a Sua vida para a nossa salvação eterna. Os sacerdotes da Sua Igreja devem segui-Lo e dar as suas vidas pelo rebanho que lhes foi confiado.

Serie demasiado atrevido se fizer uma ligação entre a repressão da natureza sacrificial da Santa Missa e a falta de vocações sacerdotais? Ou o aumento da violação da vida de celibato – porque o voto de celibato não pode ser cumprido sem sacrificar o bem do matrimónio por um bem superior?

Um padre desiste das vantagens da vida matrimonial para poder ser um *alter Christus*, um outro Cristo, mediador entre Deus e os homens. A razão para o celibato não é só para o padre ter mais tempo para o trabalho pastoral (razões práticas), mas porque pela vida de celibato está a unir-se com Cristo, o Sumo Sacerdote, para oferecer o Santíssimo Sacrifício, para o que tem de estar ritualmente limpo.

Tudo o que o padre faz como padre é, de alguma maneira, orientado para o altar e para o sacrifício de Nosso Senhor, fonte de todas as graças. É do seu serviço no altar que ele recebe a sua dignidade sacerdotal, e não por tocar viola ou por jogar futebol com os jovens. E quando está ao altar, não está ali para inventar liturgias criativas, que exprimem a sua personalidade, mas para se conformar a Cristo e actuar na Sua pessoa. Isto reflecte-se tão bem nas rubricas fixas do Rito Romano Tradicional!

Mentalidade sacrificial e os leigos e o matrimónio

Mas, obviamente, a vida de sacrifício não está exclusivamente reservada para os padres. Nós, leigos, também somos obrigados a seguir o exemplo do nosso Salvador. Como é que a chamada para viver uma vida sacrificial se costuma manifestar na vida de uma família? Na aceitação generosa dos filhos, na disposição para ter uma família muito maior do que é a norma nas actuais sociedades contraceptivas do mundo moderno.

Hoje, a definição de “vida boa” baseia-se na auto-realização individual e na construção de uma carreira. Hoje, a “vida boa” é a “boa vida”, simplesmente gozar a vida sem respeito pelo objectivo final da vida humana, que é espiritual, ou pelas necessidades dos outros. Infelizmente, nem os Católicos estão imunes a sucumbir a este estilo de vida.

A perda do sentido do sacrifício

A contracepção, símbolo do hedonismo moderno e, portanto, a perda do sentido do sacrifício, está generalizada na Igreja postconciliar. Mas mesmo entre os que têm objecções ao uso da contracepção artificial e do aborto e defendem o planeamento familiar natural (PFN), encontramos um esforço para neutralizar os ensinamentos claros de Pio XII sobre a legalidade condicionada deste método de criar maiores espaços entre os filhos.

Conheço a literatura do PFN e tomei parte há anos num curso de PFN, e não me lembro de ter encontrado uma consideração específica sobre as condições explícitas, médicas, sociais ou económicas, em que um casal pode realizar o acto marital com a esterilidade planeada desse acto em particular.

Embora muitos Católicos em geral continuam a ter mais filhos do que um ou dois, a falta de vontade de ter mais filhos está a levar as nações nominalmente cristãs da Europa à extinção. O seu futuro demográfico é muito sombrio, e, se não houver um milagre, elas sujeitar-se-ão dentro de algumas décadas a culturas alheias e falsas religiões.

A Espanha e a Itália – os dois países mais importantes da Cristandade – assim como a França, têm uma taxa de fertilidade total de 1,29 filhos por mulher. Isto é menos do que os países do norte da Europa, protestantes, e portanto mais aceitantes da contraceção! Como se sabe, 2,1 é o nível de substituição. Não vejo como seja possível chamar católicos a estes países nominalmente católicos!

Outro fruto amargo do sentido de sacrifício que se perdeu é a destruição generalizada da fidelidade conjugal. As percentagens de divórcios na maior parte dos países nominalmente cristãos estão a aumentar, o que também acontece com o número de anulações no caso dos casais católicos.

“No contexto de uma mentalidade de divórcio, até os casos de anulação canónica podem ser facilmente mal interpretados, como se não fossem mais do que uma maneira de obter um divórcio com a bênção da Igreja.”

O Cardeal Julián Herranz, que preside ao Conselho Pontifício para os Textos Legislativos, disse isto à comunicação social há dois anos, quando o Vaticano publicou uma nota crítica sobre o aumento radical de anulações nos Estados Unidos. E tinha muita razão. Encontrei um bom número de Católicos de mentalidade moderna que não vêem diferença nenhuma. Consideram-na como um divórcio para os Católicos, um ponto de vista semelhante ao que têm sobre o uso de PFN sem restrições – a contraceção para os Católicos.

Além dos novos e modernos conceitos de sacerdócio, o declínio do número de filhos nas famílias católicas é a principal causa da falta de vocações sacerdotais e religiosas. As grandes famílias são sempre – especialmente se sofrem de privações e desconforto – uma escola de abnegação e de serviço aos outros. Pelo contrário, o mundo moderno, com um só filho por família – que existe para o prazer dos pais – não cria um ambiente suficiente para aprender aptidões sociais positivas.

Das famílias católicas numerosas nascem boas vocações

Em 20 de Janeiro de 1958, numa audiência para a Associação Italiana das Famílias Numerosas, Pio XII salientou a importância do ideal das famílias católicas numerosas como criadoras de um bom ambiente para as vocações:

“Todos estes benefícios preciosos serão mais sólidos e permanentes, mais intensos e mais produtivos se a grande família tomar o espírito sobrenatural do Evangelho, que espiritualiza tudo e o torna eterno, como a sua regra particular de orientação e a sua base. A experiência demonstra que, nestes casos, Deus muitas vezes ultrapassa os dons ordinários da Providência, tais como alegria e paz, para lhe conceder uma chamada especial – uma vocação para o sacerdócio, para a vida religiosa, para a mais alta santidade.”

“Com boas razões, tem sido muitas vezes referido que as grandes famílias destacam-se como berços de santos. Podemos citar, entre outros exemplos, a família de S. Luís, Rei de França, que tinha dez filhos; Santa Catarina de Siena, proveniente de

uma família de vinte e cinco; S. Roberto Belarmino, de uma família de doze; e S. Pio X, de uma família de dez.”

“Toda a vocação é um segredo da Providência; mas estes casos provam que ter um grande número de filhos não impede os pais de lhes dar uma educação excelente e perfeita; e mostram que o número não prejudica a sua qualidade, quer quanto aos valores físicos como quanto aos espirituais.”

A perda gradual do sentido do sacrifício propiciatório de Nosso Senhor na Cruz, e a sua reapresentação nos altares católicos de todo o mundo, conduz a outro efeito grave – o enfraquecimento da consciência da nossa condição de pecador, da necessidade da nossa conversão, de penitência e de oferecer reparação pelos nossos pecados. Foi por estes nossos pecados que Nosso Senhor sofreu e padeceu uma morte brutal; somos culpados das dores que Ele teve de suportar.

A Paixão e a acção sacrificial de Nosso Senhor torna-nos conscientes do veneno, da escuridão do pecado; da ofensa infinita feita à Santidade ilimitada de Deus. É pelos nossos pecados que o Santo Sacrifício da Missa é hoje oferecido, para podermos beneficiar dos méritos de Cristo e vir a compreender o grande preço que Nosso Senhor pagou pela nossa redenção.

A nossa necessidade de conversão

O aspecto abafado e inibido da propiciação no Novo Rito leva à falta total de consciência da nossa condição de pecadores e da natureza do pecado, e também a uma grave diminuição no número de confissões. Muitos padres deixaram de pregar sobre a natureza do pecado – dizendo que insulta a Deus – e sobre os pecados mortais, que privam os homens da graça santificante e lhes fecham as portas do Céu.

Mais do que a necessidade da nossa reconciliação com Deus, ouvimos falar da reconciliação com nós próprios, como devemos aceitar-nos a nós próprios tais como somos, sem nenhum apelo à penitência e à conversão dos nossos corações.

Não conheço a situação noutros países, mas na área de língua alemã, a prática das confissões individuais é bastante rara. Um padre tradicional checo, morador na Áustria, contou-me recentemente que conhece párocos na Áustria e na Alemanha que não tiveram um único paroquiano que se fosse confessar durante um ano inteiro!

A Missa Antiga veicula melhor a natureza sacrificial da vida católica

Daquilo que eu disse até aqui, espero que tenha ficado claro o que eu quis transmitir, A Liturgia Tradicional expressa muito mais claramente do que o Novo Rito – a que até o Papa Bento XVI chama um “produto banal do momento” – a nossa natureza pecadora e a nossa necessidade de redenção.

Conheci uma vez uma senhora que, por ocasião da sua primeira presença na Missa Tradicional em Latim, me disse que não podia ir receber a Sagrada Comunhão. Quando lhe perguntei porquê, ela respondeu: “Eu havia de ter ido à Confissão primeiro!” Algo em que ela nunca tinha pensado antes.

Tal como rezamos, assim cremos e assim vivemos. É tão simples como isto.

A Mensagem de Fátima dá-nos um melhor entendimento de como viver uma vida de sacrifício

A Mensagem de Fátima leva-nos a uma melhor compreensão da necessidade de viver uma vida de sacrifício. A Santa Missa, sendo o centro e o ponto mais alto das nossas vidas, quer sejamos sacerdotes ou leigos, deve ensinar-nos a verdadeira lição – que o sacrifício é o meio para a nossa redenção e salvação. Se a Missa deixa de veicular esta mensagem, então há algo de muito errado nela.

Nós, como fiéis Católicos, devemos fazer todo o possível para construir as nossas vidas sobre fundamentos saudáveis e firmes, e evitar tudo aquilo que as enfraquece. Não é uma questão de escolha; é o nosso dever.

Todos nós, presentes nesta conferência, tomamos a sério a Mensagem de Fátima e queremos viver de acordo com ela. Não porque nós, por qualquer razão, gostamos dela ou porque ela se adequa às nossas preferências subjectivas, mas porque é uma mensagem do Céu, reconhecida e promovida pelas mais altas autoridades da Igreja; e porque ela é, juntamente com a Missa de S. Pio V, a barreira inultrapassável erguida contra todas as heresias.

As aparições de Nossa Senhora em Fátima evidenciam a importância vital de viver a vida de um modo sacrificial. O Rito Romano Tradicional, ao contrário da Reforma Litúrgica, personifica este espírito da maneira mais profunda e perfeita. Que o homem não separe, pois, o que Deus uniu.



Cristo, Exemplo Supremo do Sacrifício, entregou-Se a Si próprio para ser flagelado, coroado de espinhos e crucificado para a nossa salvação.